clarice lispector

DOZE LENDAS brasileiras

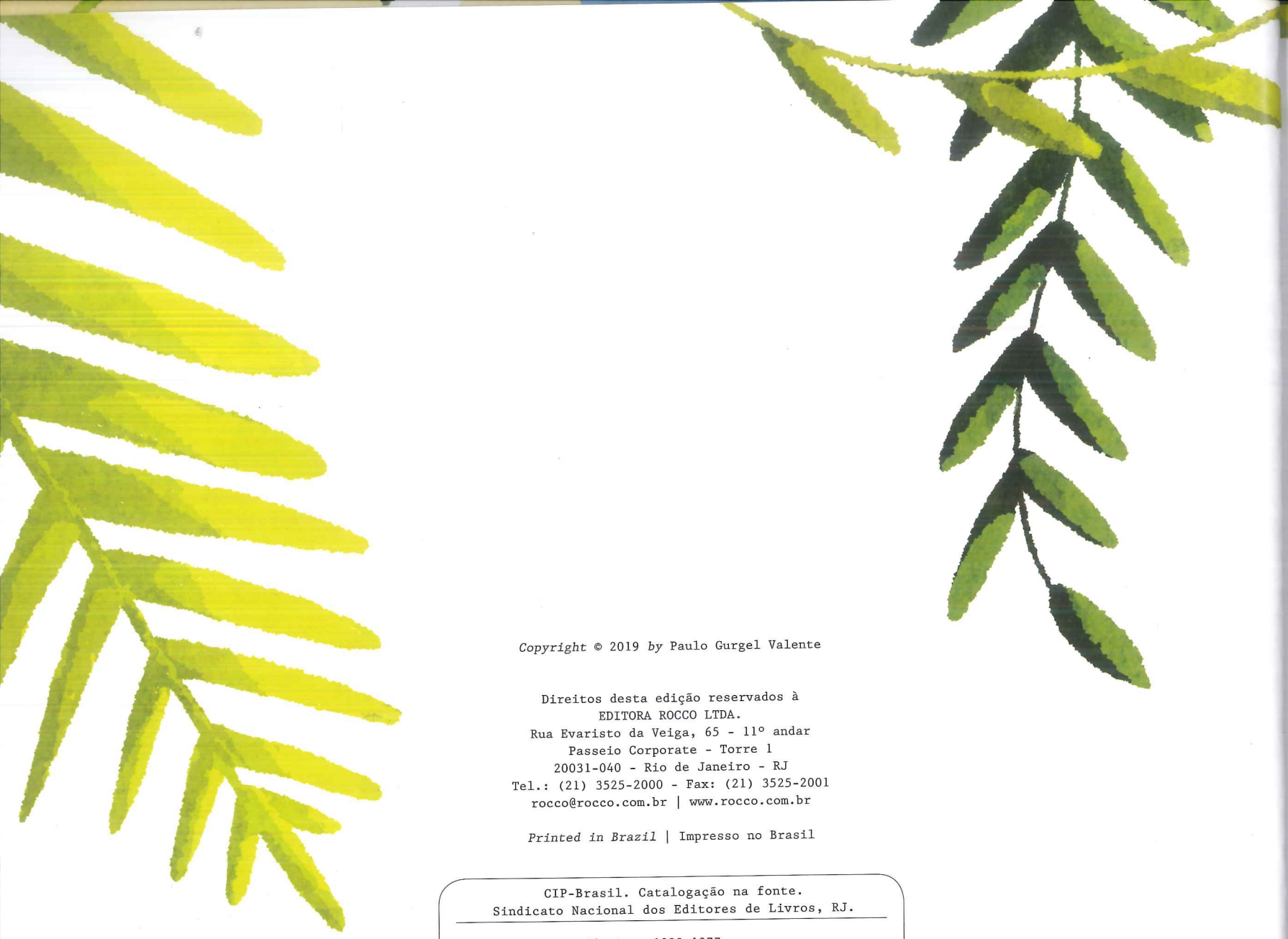
como nasceram as estrelas

ILUSTRAÇÕES
suryara

ROCCO
PEQUENOS LEITORES

DOZE LENDAS
brasileiras

como nasceram as estrelas



Copyright © 2019 *by* Paulo Gurgel Valente

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 - 11º andar
Passeio Corporate - Torre 1
20031-040 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3525-2000 - Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil | Impresso no Brasil

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

L753d Lispector, Clarice, 1920-1977
Doze lendas brasileiras: Como nasceram as estrelas
Clarice Lispector; ilustrações de Suryara.
Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2014.
Edição em capa dura
ISBN 978-85-62500-72-5
1. Conto infantojuvenil brasileiro.
I. Suryara. II. Título.
14-14375 CDD – 028.5 CDU – 087.5

Este livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Impressão e Acabamento:
COAN INDÚSTRIA GRÁFICA EIRELI.

clarice lispector

ILUSTRAÇÕES
suryara

DOZE LENDAS brasileiras

como nasceram as estrelas

ROCCO
PEQUENOS LEITORES

a força do sonho*

Há uma realidade nossa que de tão volátil quase nos escapa. Essa realidade nasce de entre lendas como se erguessem gigantes, gnomos, delfins e duendes de dentre névoas. Mas o que se ergue na verdade representa o que há de fantástico, sumarento e rico no País.

Uma lenda é verossímil? Sim, porque assim o povo quer que seja. De pai para filho, de mãe para crianças, é transmitida uma fabulação de maravilhas que estão atrás da História. Como ao redor de uma fogueira em noite escura, conta-se em voz sussurrante um ao outro o que, se não aconteceu, poderia muito bem ter acontecido nesse imaginoso mundo de Deus. E assim oralmente se escreve uma literatura plena e suculenta, em que o espírito secreto de todo um povo vira criança e brinca de "faz de conta". Brinca? Não, é muito a sério. Pois o que é que pode mais do que um sonho?

A começar por nós mesmos que todas as noites no travesseiro vivemos de uma realidade quase intraduzível por palavras, mas que ninguém pode negar, realidade livre, sem freios e que nos pertence quase mais do que o dia a dia que vivemos. O dia a dia que se torna às vezes mais pobre que o sonho.

O grande sonho acordado de um povo é um símbolo de seu vigor íntimo. As lendas são uma potência. Elas procuram nos transmitir alguma coisa importante que se passa

na zona penumbrosa e criativa popular. E o que não existe passa a existir por força mesmo de seu encantatório enredo. Nos grandes centros culturais brasileiros, as lendas infelizmente se perdem, menosprezadas por uma civilização que luta pela vida real. Mas o Brasil é também floresta e interioridade. É pescador em jangadas leves nos mares. Noite misteriosa nos pequenos povoados que se espalham terra adentro, nas matas cerradas, verdejantes e perigosas, cheias de bichos os mais fantásticos e de plantas miraculosas, ciladas em pântanos e límpidos lagos azuis, corre-corre de cascatas, sob um céu nosso tão benditamente estrelado: o Brasil parece mais brasileiro na sua Natureza grandiosa, nas doces histórias para ninar crianças, na doçura de suas esperanças que contagiam também os adultos. Mais brasileiro do que no seu cosmopolitismo de que também, é claro, nos orgulhamos.

Que narremos a nossas crianças as enovelantes lendas nossas neste 1977, ano-chave, porque se o número 7 dá poder, dois 7 acrescentam-nos tanto mais em sorte boa: a década dos 7 é toda perpassada pelo sussurro de uma secreta inspiração. Inspiração que me tocou porque vejo que agora falo do número 7 e de seu fundo mistério e, auxiliada pelos magos, estou neste instante criando uma lenda viva e real, pronta para vicejar no ano que desponta.

Estão vendo que os adultos como eu também criam lendas. Em cada mês deste ano contar-vos-ei uma história ingênua no escurinho íntimo da noite. O que nos dará bem-estar e sorrisos. Para 1977, que é vosso e meu, mandei acender trinta mil lustres nervosos e assanhados de tantos flexos e reflexos e reverberações e réstias de raios, brilhações e fulgurações com os pingentes trêmulos da mais alvoroçada luminosidade.

Luminosidade — é o que vos desejo para 1977. Amém.

Clarice Lispector

* Texto escrito em dezembro de 1976

JANEIRO

como nasceram as estrelas

Pois é, todo mundo pensa que sempre houve no mundo estrelas pisca-pisca. Mas é erro. Antes os índios olhavam de noite para o céu escuro — e bem escuro estava esse céu. Um negror. Vou contar a história singela do nascimento das estrelas.

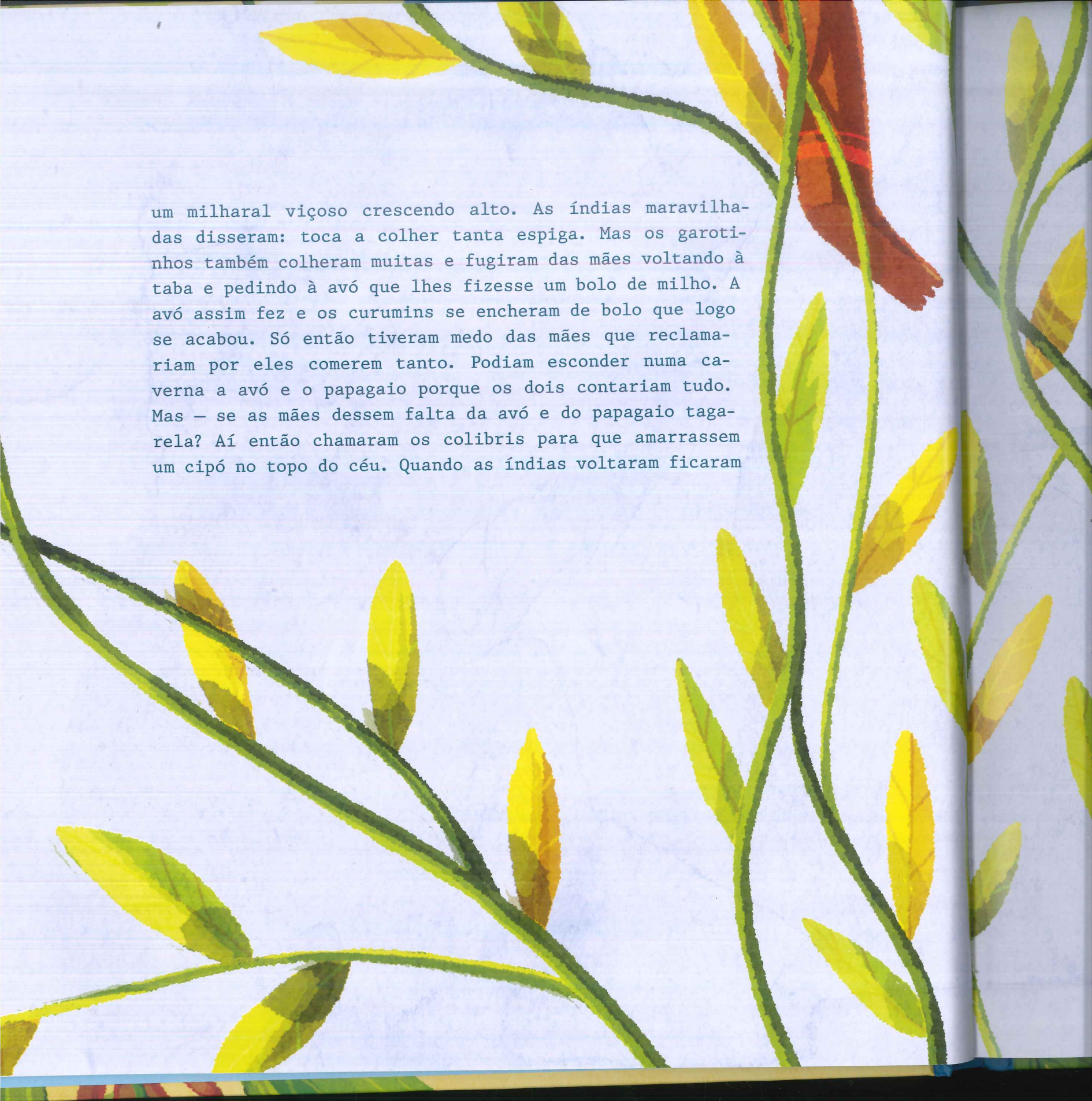
Era uma vez, no mês de janeiro, muitos índios. E ativos: caçavam, pescavam, guerreavam. Mas nas tabas não faziam coisa alguma: deitavam-se nas redes e dormiam roncando. E a comida? Só as mulheres cuidavam do preparo dela para terem todos o que comer.

Uma vez elas notaram que faltava milho no cesto para moer. Que fizeram as valentes mulheres? O seguinte: sem medo

enfurnaram-se nas matas, sob um gostoso sol amarelo. As árvores rebrilhavam verdes e embaixo delas havia sombra e água fresca. Quando saíam de debaixo das copas encontravam o calor, bebiam no reino das águas dos riachos buliçosos. Mas sempre procurando milho porque a fome era daquelas que as faziam comer folhas de árvores. Mas só encontravam espigazinhas murchas e sem graça.

— Vamos voltar e trazer conosco uns curumins. (Assim chamavam os índios as crianças.) Curumim dá sorte.

E deu mesmo. Os garotos pareciam adivinhar as coisas: foram retinho em frente e numa clareira da floresta — eis



um milharal viçoso crescendo alto. As índias maravilhadas disseram: toca a colher tanta espiga. Mas os garotinhos também colheram muitas e fugiram das mães voltando à taba e pedindo à avó que lhes fizesse um bolo de milho. A avó assim fez e os curumins se encheram de bolo que logo se acabou. Só então tiveram medo das mães que reclamariam por eles comerem tanto. Podiam esconder numa caverna a avó e o papagaio porque os dois contariam tudo. Mas — se as mães dessem falta da avó e do papagaio tagarela? Aí então chamaram os colibris para que amarrassem um cipó no topo do céu. Quando as índias voltaram ficaram

assustadas vendo os filhos subindo pelo ar. Resolveram, essas mães nervosas, subir atrás dos meninos e cortar o cipó embaixo deles.

Aconteceu uma coisa que só acontece quando a gente acredita: as mães caíram no chão, transformando-se em onças. Quanto aos curumins, como já não podiam voltar para a terra, ficaram no céu até hoje, transformados em gordas estrelas brilhantes.

Mas, quanto a mim, tenho a lhes dizer que as estrelas são mais do que curumins. Estrelas são os olhos de Deus vigiando para que corra tudo bem. Para sempre. E, como se sabe, sempre não acaba nunca.

FEVEREIRO

alvoroço de festa no céu

Não é que na véspera do Carnaval houve no céu uma festa para os bichos da selva?

Os convites foram entregues por um beija-flor que delicadamente os deixava em cima de corolas de vitórias-régias. O bicho que ia passando via o seu nome no envelope e pulava de alegria: tinha sido contemplado com um programa para o fim de semana!

Mas notaram todos que só recebiam convites os bichos de asa. O que era uma injustiça. Pelo menos foi o que o sapo gordo pensou. Os animais de terra estavam conformados, esperando o dia em que houvesse a festa lá na selva mesmo. Mas, como eu disse, o sapo verde não. Todos riam dele e de suas reclamações coaxadas e inúteis.

Ele aproveitou o fim manso de tarde para gritar bem alto e ser bem ouvido:

— Eu também vou!

Os pássaros caçoaram e perguntaram:

— Cadê tuas asas, bicho feio?

Foi então que pensou: devo consultar quem é igual a mim, porém mais velho. E realmente, no brejo, que ficava entre samambaias e avencas, encontrou um sapo velho e cheio de sabedoria chamado Quá-quá-quá. Este se amedrontou com as intenções do sapo jovem:

— Olhe, é melhor para a sua saúde não sair do chão e ter água por perto.

Então o sapo jovem disse-lhe:

— O senhor é capaz de guardar um segredo? Pois bem, eu vou dançar lá em cima. Basta-me que o urubu feio leve o seu violão.

Quá-quá-quá disse-lhe que não o entendia.

O sapo foi falar com o urubu:

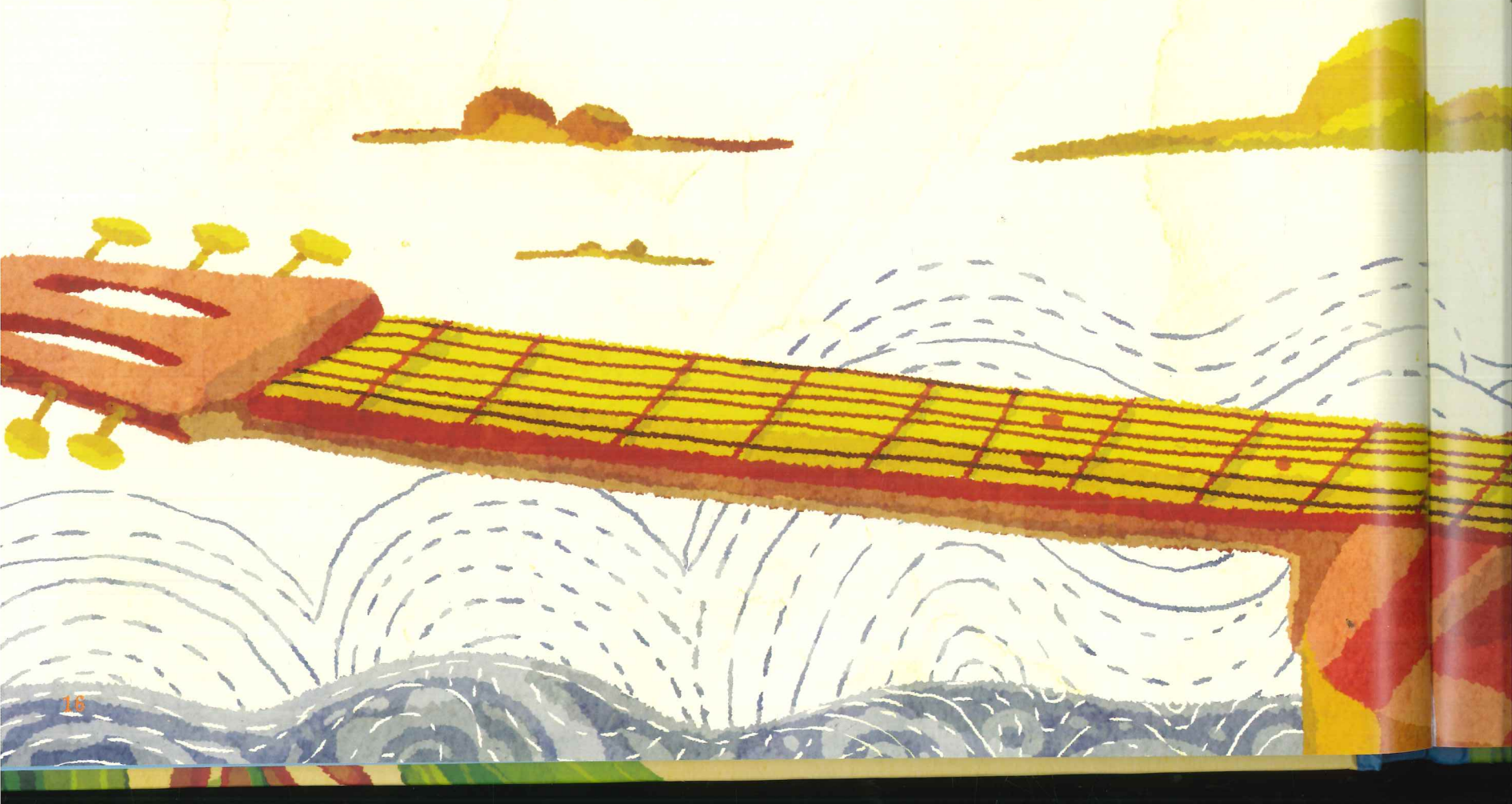
— Você vai levar seu violão, urubu?

O urubu, de violão debaixo da asa, nem se dignou a responder.

— Senhor urubu, quer me fazer um único favor? O de ver se estou naquela esquina?

O urubu, meio burro, replicou que, já que era um só favor, ele iria. E não carregou o violão. O sapo mais que depressa entrou no violão e ficou lá bem quieto, embora tivesse uma vontade louca de fumar. O urubu voltou para lhe dizer que não o havia encontrado na esquina — mas cadê o sapo? Sumira, pensou. E pensou: agora vou para o céu.

Para encurtar a história, o sapo, dentro do violão, chegou ao céu e mais do que depressa pulou para fora e começou a dançar todo feliz. Os pássaros se espantaram, perguntaram



ao senhor sapo como havia chegado. Mas a alma do negócio é o segredo e o sapo só respondeu malcriado:

— É que eu me arranjo sempre! — E entrou de novo sorrateiro no violão para ir embora.

Mas o urubu percebeu a coisa e ficou raivoso:

— Espertinho, não é? Pois agora mesmo é que você vai voar, vou te soltar no ar.

Então o sapo pediu todo manhoso:

— Está vendo aquela pedra e aquele lago? Pelo amor de Deus, deixe eu cair na pedra porque se eu cair no lago eu me afogo!

— Pois é no lago que eu vou te largar, para você morrer!

O sapo, bem feliz, caiu no lago e salvou-se.

Moral da festa? Bem, não houve.

MARÇO

o pássaro da sorte

Trata-se do uirapuru, pássaro encantado da sorte e que tem como moradia as ricas florestas da Amazônia.

A história é um pouco triste. Mas o canto dessa ave é tão plangente e mavioso que vale a pena contar.

Começa com um índio tocando flauta na selva. E as índias jovens ouviam-no. Daí para procurar ver quem era o guapo índio que a tocava — foi um só passo. O segundo passo foi encontrar o músico e cair para trás com uma bruta decepção. Elas, tolinhas, achavam que coisa bonita só pode vir de gente bonita. E caprichosas, malcriadas, empurraram o índio feio para fora da clareira. Humilhado ele então fugiu.

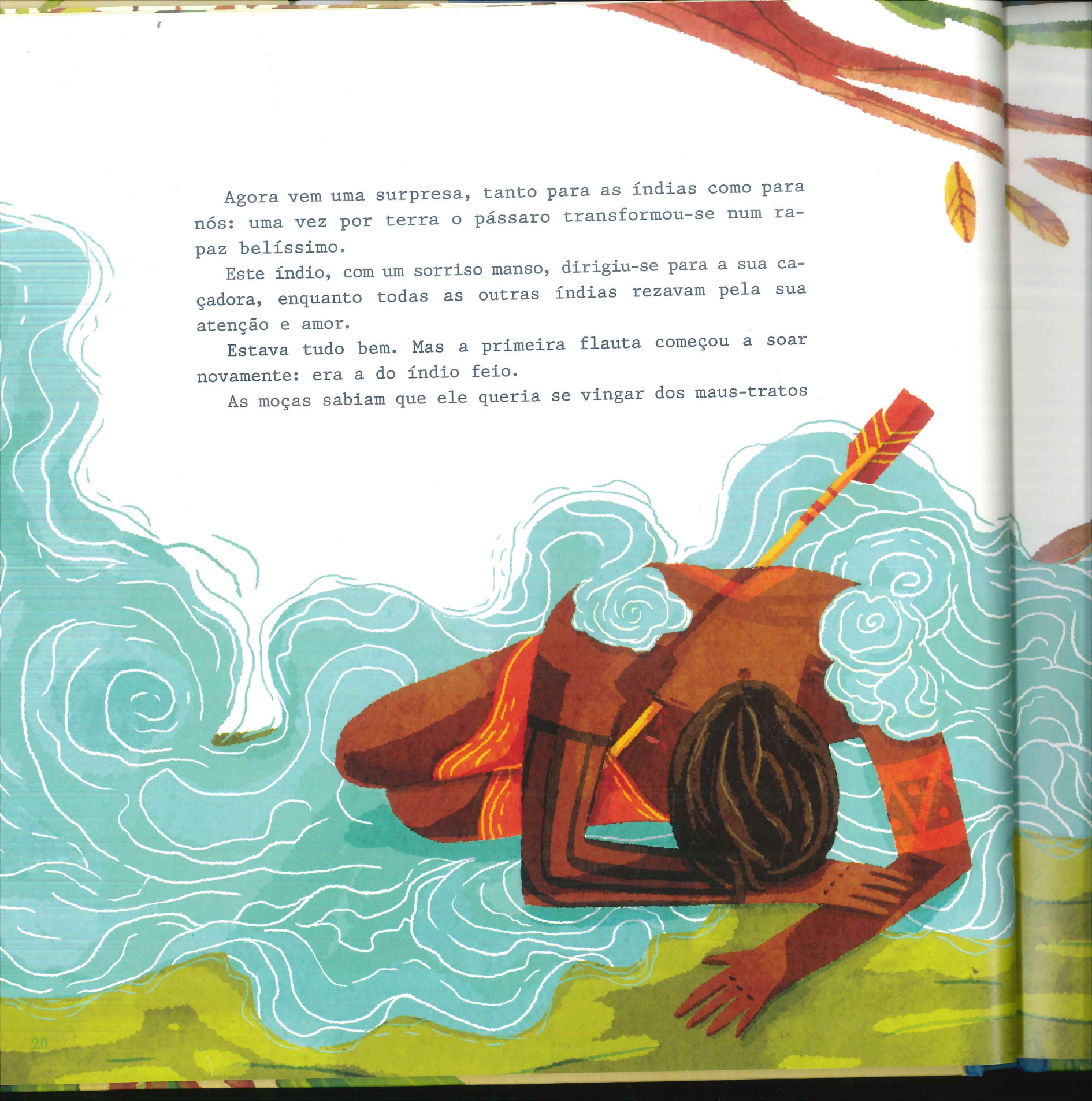
Na mesma hora as índias ouviram uma outra flauta tocada com delicadeza e doçura. E pensaram com esperança que talvez o tocador dessa nova flauta fosse um índio bonito. Seguiram pelas sendas da floresta, guiadas pelo cântico que cada vez parecia mais próximo. E não é que depararam, não com um índio, mas com um passarinho pousado num galho de árvore frondosa? Era o pássaro uirapuru. Uma das índias, a mais formosa e esguia, era também a melhor caçadora. E, como as outras, quis ferir o pássaro para que ele não fugisse e só cantasse para ela. Com arco e flecha, preparou-se. E, é claro, a ave caiu do galho.

Agora vem uma surpresa, tanto para as índias como para nós: uma vez por terra o pássaro transformou-se num rapaz belíssimo.

Este índio, com um sorriso manso, dirigiu-se para a sua caçadora, enquanto todas as outras índias rezavam pela sua atenção e amor.

Estava tudo bem. Mas a primeira flauta começou a soar novamente: era a do índio feio.

As moças sabiam que ele queria se vingar dos maus-tratos



e procuraram rodear o índio bonito para escondê-lo. Mas o índio feio mandou rápido sua flecha, em direção do peito varonil do rival, só para assustá-lo. E não é que aconteceu um encantamento milagroso? Aconteceu, sim: o rapaz bonito se transformou num pássaro invisível, mas presente pelo seu canto. E as índias passaram, mesmo sem ver, a ouvir o trinado feliz.

Como é que se espalhou que o uirapuru dá sorte? Ah, isso não sei, mas que dá, dá!

ABRIL

as aventuras de Malazarte

Ah, mês de abril, que delícia de existir! Também para Pedro Malazarte.

Vou contar: como o pai tinha morrido, a mãe dividira em pedaços a casa toda, dando-os a cada filho. A Pedro Malazarte coube uma porta. Ele pensou: com esta porta conquistarei o mundo. Realmente, em breve viu um urubu pousado num burro morto. Mais que depressa jogou a porta em cima deles — e como o urubu ficou manco, foi fácil pegá-lo. Para que queria ele um urubu? Lá disso sabia ele. E quando sentiu no ar os eflúvios de um jantar magnífico, bateu à porta da casa de uma senhora, gulosa e sabida, que estava preparando para si mesma

um banquete, escondido do marido que fora viajar. Malazarte foi irritadamente expulso pela sabidona e sua criada. Então, com o auxílio da porta encostada na parede, subiu ao teto e de lá viu embaixo comida boa para valer. Tinha leitão assado, peru, e tudo o mais que delicia um homem. Foi quando o marido chegou, inesperadamente. A mulher matreira lamentou-se: se eu soubesse que você vinha eu preparava coisa boa de se comer, mas como não te esperava só tenho carne-seca, feijão ralo e farinha morrinhenta...

Aí, Malazarte apresentou-se de novo com o seu urubu, sabendo que o marido não lhe recusaria um pouco do minguado

jantar. Mal começara a comer quando Malazarte deu, bem disfarçado, uma cutucada no urubu, que gemeu.

— Por que é que ele está se lamentando? — perguntou o dono da casa.

— Está me dizendo umas novidades — respondeu Malazarte. — O meu urubu, ao contrário dos outros, fala e está me contando que sua mulher lhe guardou um leitãozinho assado de surpresa...

A mulher teve medo de Malazarte e disse:

— Oh, urubu danado, estragou a surpresa! Tenho mesmo este leitãozinho para você...

Daqui a pouco o urubu gemeu de novo, o que fez Malazarte dizer:

— Ô urubu intrometido, para de me contar!

— O que é que ele está contando?

— Que tem peru recheado.

— Meu maridinho, essa era outra surpresa que o urubu desaforado estragou. Mas coma um pouco deste peru. E tenho doces, frutas, bebidas...

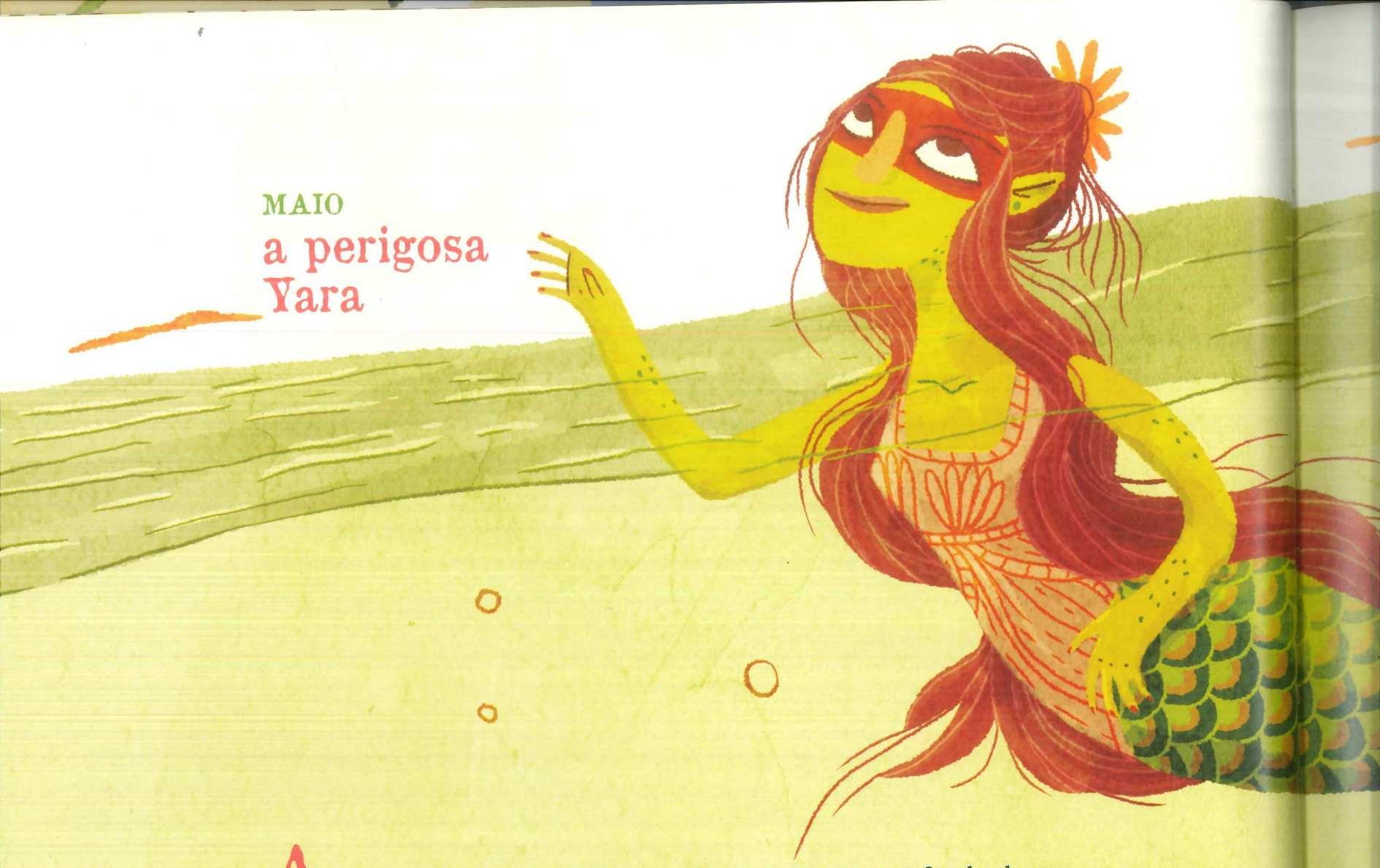
Como era 1º de abril, dia de se enganar os outros, Malazarte vendeu falsamente o precioso urubu ao dono da casa para lhe servir de espião.

Bem alimentado, Malazarte prosseguiu caminho com a porta debaixo do braço.

Moral: mais vale uma porta desvalida e esperteza de Malazarte, que uma casa inteira para quem não tem arte.

MAIO

a perigosa Yara



Ao cair de todas as tardes, a Yara, que mora no fundo das águas, surge de dentro delas, magnífica. Com flores aquáticas enfeita então os cabelos negros e brinca com os peixinhos de escapole-escapole. Mas no mês de maio ela aparece ao pôr do sol para arranjar noivo.

As mães se preocupam com seus filhos varões, sabedoras de que a Yara quer noivos. Mas para os filhos, Yara é a tentação da aventura, pois há rapazes que gostam de perigo.

À medida que a Yara canta, mais inquietos e atraídos ficam os moços, que, no entanto, não ousam se arriscar.

Sim, mas houve um dia um Tapuia sonhador e arrojado. Pensativamente estava pescando e esqueceu-se de que o dia estava acabando e que as águas já se amansavam. Foi quando pensou: acho que estou tendo uma ilusão. Porque a morena Yara, de olhos pretos e faiscantes, erguera-se das águas. O Tapuia teve o medo que todo o mundo tem das sereias arriscadas — largou a canoa e correu a abrigar-se na taba.

Mas de que adiantava fugir, se o feitiço da Flor das Águas já o enovelara todo? Lembrava-se do fascínio de seu cantarolar e sofria de saudade.

A mãe do Tapuia adivinhara o que acontecia com o filho: examinava-o e via nos seus olhos a marca da fingida sereia.

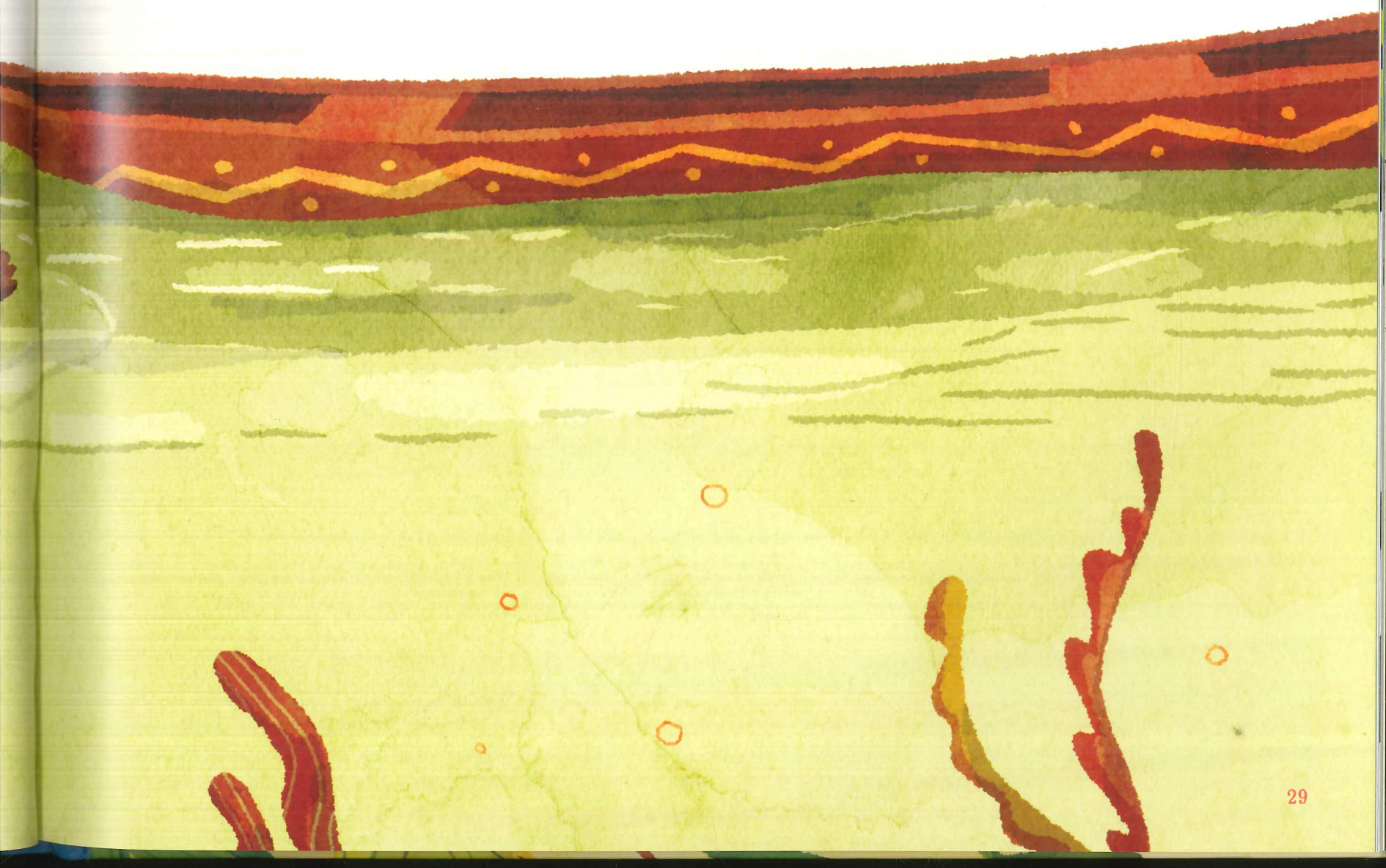
Enquanto isso, Yara, confiante no seu encanto, esperava que o índio tivesse coragem de casar-se com ela.

Pois — ainda nesse mês de florido e perfumado maio — o índio fugiu da taba e de seu povo, entrou de canoa no rio. E ficou esperando de coração trêmulo. Então — então a Yara veio vindo devagar, devagar, abriu os lábios úmidos e cantou suave a sua vitória, pois já sabia que arrastaria o Tapuia para o fundo do rio.

Os dois mergulharam e adivinha-se que houve festa no profundo das águas.

As águas estavam de superfície tranquila como se nada tivesse acontecido. De tardinha, aparecia a morena das águas a se enfeitar com rosas e jasmins. Porque um só noivo, ao que parece, não lhe bastava.

Esta história não admite brincadeiras. Que se cuidem certos homens.



JUNHO

uma festança na floresta

Estamos no mês de junho, as fogueiras de São João se acendem, balões sobem, já há friozinho e aconchego. Dá para comer batata-doce à meia-noite com café tinindo de quente.

Mas me disseram que a festa não é só nossa. Pois não é que ia haver uma festa da bicharada na selva? E calculei que isso acontecesse no mês de nossos próprios folguedos. Pelo menos é o que garantem os índios da tribo Tembé.

Foi assim: os animais das matas até que estavam ocupados e calmos em relação a seus deveres, pois o dever do animal é existir. Mas eis senão quando surgiu no ar um boato que logo se espalhou alvissareiro num diz que diz assanhado. Vinha esse boato trazido pelo canto do sabiá. Como o sabiá, a quanto se sabe, canta pelo mero prazer de cantar, ficaram os bichos em dúvida sobre se era ou não verdade.

E — de repente — começou a chover convite para a tal festança. Quem convidava não dizia quem era, mas todos desconfiaram que a ideia vinha da rainha das selvas brasileiras, a onça, mandachuva que era. Todos os bichos foram convidados, garantindo-se que na ocasião seria abolida a ferocidade. Até a mãe-coruja, que de tão séria e sábia até óculos usava, foi convidada com os seus filhotes.

Quanto às filhas do macaco, doidas para namorar e enfim casar, enfeitaram-se tanto e com tantas bugigangas que pareciam umas — é isso mesmo, pareciam umas verdadeiras macacas.

E quem pensa que a cobra faltou por ser tão nojenta está enganado: apareceu fazendo salamaleques com o corpo escorregadio para chamar atenção.

A noite estava toda iluminada por milhares de vaga-lumes, pela lua silenciosa e pelas estrelas úmidas. Quanto à orquestra, fiquem certos de que era da melhor qualidade: uma turma de tucanos encarregou-se de tocar em valsa os mais belos grunhidos da mata.

A bicharada estava acesa de alegria. O papagaio foi muito aplaudido quando berrou uma canção alegre, e as macacas casadoiras, penduradas pelos rabos nas árvores, estavam certas de que eram grandes bailarinas.

Bem, a coisa estava no máximo de animação. Mas a onça estava inquieta, doida para atacar. E como não fosse permitida nessa noite a carnificina, ela começou a ser feroz com a língua viperina. Então cantou: "Dona anta é gorda e roliça que nem uma porca e tem cor de rato." A anta danou-se e retirou-se.

A onça, vendo que tinha tido sucesso, cantou uma ofensa horrível contra o jabuti, dizendo que este estava coberto de mosca-varejeira. Tanto que o jabuti ofendido foi embora. Depois a onça falou: "Vejam que decote indecente o das filhas do macaco." As macacas ficaram fulas da vida e só não saíram de lá porque a esperança de arranjar noivo é a última que acaba.

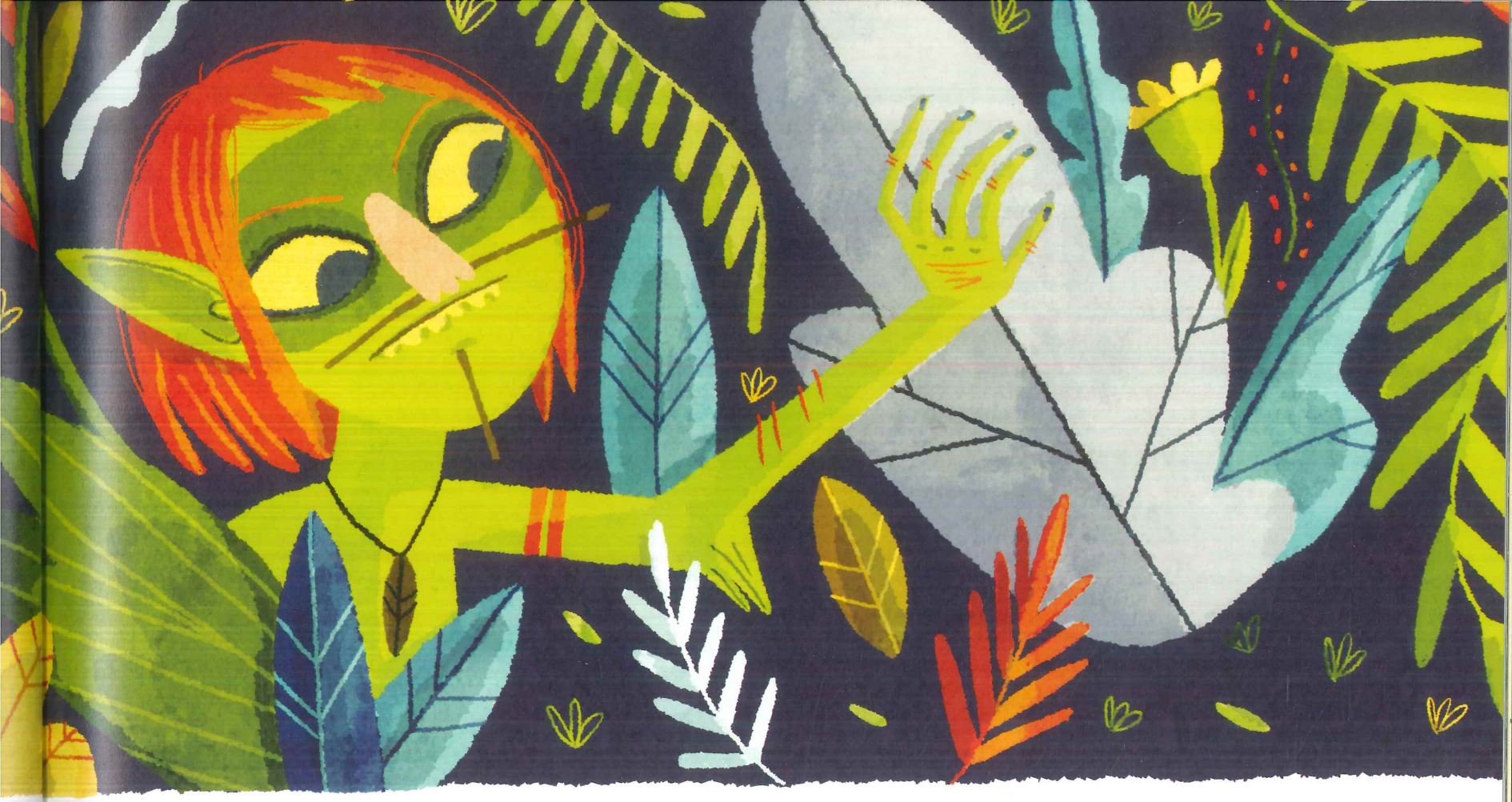
Mas acontece que havia entre os animais o deus dos veados, Arapuá-Tupana, que resolveu acabar com a empáfia da onça e para vencê-la pôs-se a cantar. Os bichos, sabendo que quando o ouvissem morreriam, taparam os ouvidos. Arapuá-Tupana afinal foi embora e a bicharada não morreu.

É. Mas os animais haviam perdido o dom da fala, ninguém se compreendia mais. E isso até o dia de hoje. Porque grunhir ou cantar não diz nada. Tudo por causa da onça linguaruda.

JULHO

Curupira, o danadinho

Neste mês de julho vou vos contar história esquisita de um ser mais esquisito ainda. Os índios chamam-no de Curupira. Começo por descrevê-lo: é feio que nem o Tinhoso e peludo que nem um urso, mas pequeno. Já se viram dentes verdes? Pois o Curupira tem. Sem falar nas orelhas agudas. Ele não é caranguejo, porém seus pés são virados para trás, como se ele fosse andar de marcha a ré. Ninguém nunca sabe onde ele está. Fugindo sempre? Talvez. E de repente surge em assustadora aparição. Quando vai embora não deixa rastro na terra. Só se ouve um sussurro na mata — podem estar certos: é ele. E além do sussurro ouvem-se as marteladas no tronco



das árvores. É que, sem ninguém lhe mandar, ele as vigia para saber se aguentam tempestades e borrascas.

Que ser misterioso. Pois que também é sábio: conhece, ao olhar apenas, as plantas que curam doença de bicho. Porque ele protege os animais contra malefícios e caçadores. E faz tudo isso sem deixar marcas. Só fica no ar um perfume de mata virgem que é o seu. Mas o danadinho raramente auxilia pessoas, esse pequeno moleque.

Às vezes simpatiza com um ou outro caçador e logo o convida para morar na floresta. Como o Saci-Pererê, também pede fumo e em troca do que lhe é dado ensina os segredos da selva.

Também sabe se vingar dos índios que, com flechas, ferem um bicho indefeso. Então o Curupira o atrai para caminhos sem fim e eis o caçador enganado, tonto e perdido. É verdade que pede antes a um caçador que não mate animais dos que vivem em grupo, porque o grupo ficará com saudade deles. Mas ai de nós se o índio não cede! Não tem o perdão do Curupira. Espalha fogo e quase deixa o índio bem assado. Os caçadores temem esta espécie de gnomo-monstro e suas vinganças.

Tudo o que ele pede, se não dão atrai sorte ruim. Me dá fumo!, diz o Curupira para o índio jangadeiro. E se este nega, a jangada é virada para o fundo das águas. Tem qualquer parentesco com o Saci-Pererê. Mas enquanto este gosta de se divertir com os outros, com o Curupira não se brinca. Por exemplo: coitado de quem penetra na sua mata que lhe serve de casa. A vingança não tarda.

Não se sabe é explicar por que ele é tão bom com os bichos. E, se não está em guerra, vive muito bem nas profundezas distantes da floresta.

AGOSTO

o Negrinho do pastoreio

Como é mês de agosto e faz um pouco de frio, vou contar uma história que aconteceu nos pampas do sul do país, talvez em Pelotas. Começa não muito bem, pois nesses pampas havia um homem muito rico, mau e sovina: nem restos de comida ele dava. Seu filho era um guri que herdara sua ruindade. Esqueci de dizer que a história se passa no tempo da escravidão. E vou falar de um escravinho mais negro que carvão chamado exatamente de Negrinho. Não conhecia pai ou mãe e dizia que Nossa Senhora era sua madrinha. Apanhava do patrão e do filho que não era brincadeira. O homem ruim tinha um cavalo baio muito bonito e veloz e um estancieiro vizinho desafiou-o dizendo: — Será que esse cavalo baio é

bom na corrida? Já se sabe quem ia montar o baio sem sela: o Negrinho, é claro. Mas infelizmente o baio perdeu na corrida e o Negrinho levou uma surra que eu vou te contar. E como se não bastasse, mandaram-no tomar conta da tropilha do patrão. Era de noite, Negrinho estava todo machucado e com medo dos bichos que pudessem se achegar. Mas Nossa Senhora ajudou-o a adormecer. Eis senão quando ouviu-se um tiro de espingarda no ar: os animais se assustaram e se dispersaram pelas campinas. O estampido partira do filho do patrão. Mas quem levou nova surra foi o Negrinho. Mandaram-no procurar os cavalos. Enquanto isso a noite estava ainda mais fechada. E não se via cavalo nenhum. Aí o Negrinho pegou um toco de

vela que iluminava sua madrinha no oratório do homem ruim. E correu pelas coxilhas montado no baio à procura dos cavalos dispersos. Aconteceu um pequeno milagre: cada vez que a vela abençoada pingava cera no chão, milhares de velinhas iam aparecendo para iluminar a noite. Com esse grande auxílio, o Negrinho encontrou os cavalos. E cansado adormeceu. O homem ruim tinha raiva até do sono do Negrinho e mandou um outro escravo dar chicotadas no garoto e colocá-lo junto de um formigueiro, só para chatear o menino.

Depois o patrão quis ver o moleque que devia estar todo roído de formigas. Mas junto do formigueiro estava o Negrinho perfeitamente sadio, com o baio e a tropilha. Espantado o homem ruim, mais espantado ficou, porque viu junto do escravinho a Nossa Senhora protegendo o Negrinho.

O homem ruim se ajoelhou de medo e não de bondade. Quanto ao Negrinho, montado no baio, seguia corrida com a tropilha para sempre. Para sempre quer dizer que até hoje continua a corrida. E quem quiser, pode vê-lo. Quero dizer: se quiser muito mesmo. Só que durante uns dias de cada ano Negrinho some. Deve estar conversando com suas amigas formigas.

Qualquer gaúcho conhece esta história e muitos acham que o Negrinho ajuda a encontrar o que se perdeu, seja objeto, seja amor, seja felicidade sumida. Será que a moral desta história é que o bem sempre vence? Bom, nós todos sabemos que nem sempre. Mas o melhor é a gente ir-se arranjando como pode e dar um jeito de ser bom e ficar com a consciência calminha.

SETEMBRO

do que eu tenho medo

Bem, o jeito mesmo é começar fazendo uma confissão: a de que sou um pouquinho covarde, tenho meus medos. E você vai rir de mim quando souber de que é que receio tanto. É... bem, é...

(Vou tomar uma bruta coragem e dizer de uma vez.)

Tenho tanto medo é do... Saci-Pererê! Mas que alívio em já ter confessado. E que vergonha. Só não juro que o Saci existe porque não se deve ficar jurando à toa, por aí. Você é provavelmente de cidade e não me acredita. Mas que nas matas tem saci, lá isso tem. E eu garanto essa verdade que

até parece mentira, garanto — porque já vi esse meio-gente e meio-bicho.

E para que você acredite em mim, vou descrevê-lo: ele é um diabinho de uma perna só (apesar de miraculosamente cruzar a perna). Dou a você como garantia minha palavra de honra. E ele anda sempre com um cachimbozinho.

Devo dizer que ele não é pessoa de fazer grandes maldades. É, mas faz as pequenas e marotas. Às vezes quando lhe negam fumo — é melhor ter sempre tabaco numa caixinha porque prevenir é melhor que remediar —, como eu ia dizendo,

quando lhe negam fumo, ele faz das suas. Pois se até leite fervido ele azeda!

Mosca na sopa? Pois foi ele o pequeno malfeitor. Brincadeira tem hora, às vezes a gente fica com raiva.

Sem falar que o Saci assusta as galinhas, coitadas, que já são por natureza assustadas. É, mas não é que ele faz com que fiquem completamente espavoridas?

Dona de casa? Cuidado porque ele queima o feijão na panela. E o danadinho faz essas coisas ou para se vingar ou para divertir e gostar de atrapalhadas.

Dou minha palavra de que já dei muito fumo ao Saci. Se você não acredita, vou então descrevê-lo: usa na cabecinha sabida uma carapuça vermelhíssima e escandalosíssima, tem a

pele mais negra do que carvão em noite escura, uma perna só que sai pulando e, é claro, um cachimbozinho aceso porque ele tem, como eu, o vício do fumo.

Mas uma vez eu me vinguei. Quando ele me pediu fumo, dei. Mas misturei ao tabaco... um pouco de pólvora (não demais porque eu não queria matá-lo). E quando ele tirou a primeira tragada, foi aquele estrondo. Porque eu também sou um pouquinho Saci-Pererê: foi com ele mesmo que aprendi as manhas.

Aviso ao Saci: por favor não se vingue de mim botando pólvora no meu fumo, porque eu me vingarei pondo fogo na mataria toda!

Acho que tenho dito.

OUTUBRO

a fruta sem nome

Neste mês cai o Dia das Crianças. Além de brinquedos, por que não lhes contar sobre a fruta desconhecida?

No tempo de nossa tatatatataravó, simplesmente as árvores cresciam lindas mas sem dar frutas. Além do mais, não havia boas raízes para um repasto bom. Como se pode imaginar, a fome grassava entre os bichos.

Aí, como quem não quer nada, espalhou-se um boato: na floresta amazônica crescia uma árvore especial. Árvore com dom de encantamento.

– Dá fruta? – perguntavam-se os bichos. A resposta veio da arara tagarela: dava fruta gostosa.

Havia, porém, um "mas". Para colher a fruta era preciso conhecer antes o seu nome...

Os bichos pensaram, pensaram e pensaram. E resolveram perguntar o nome da árvore mágica a Tupã. Este não se fez de rogado: — Olhem, é 'muçá, muçá, muçá'.

A anta começou a repetir e a repetir o nome pelo caminho para não esquecer. Mas encontrou uma velha egoísta que queria comer sozinha todas as frutas.

— Anta, amiga minha, quer trazer para mim uma 'mugá, mucungá, muculungá'?

A anta ficou pasma e atrapalhou-se quanto ao nome que vinha repetindo.

O jeito era outro bicho pedir a Tupã o nome da fruta. Mal pensaram e logo agiram, obtendo o quati o nome esquecido. Mas também encontrou a velha maluca e se atrapalhou para

valer. Depois foi a vez do macaco que ameaçou a velha. Esta, contudo, disse um nome qualquer para a fruta — e adeus memória de macaco. O jacaré também caiu na cilada.

Chegou então a vez do jabuti que tem casco de tartaruga. Foi perguntar a Tupã o abençoado nome. Tupã quis desiludi-lo:

— Você não é de nada com sua vagareza, a velha te pega antes que você dê dois passos.

O jabuti, porém, não desanimou. Confiava na sua esperteza que era maior que sua lentidão. Além do mais, era bicho insistente. Aprendeu o nome e tocou a sua flautinha, repetindo o nome e depois a mesma melodia.

Aí a velha foi se achegando sabida e gritou:

— Filhinho, também quero uma 'mugá, mucungá, muculungá'. — Mas o jabuti continuou dizendo: 'muçá, muçá etc.' Quanto mais a velha queria atrapalhar, mais o jabuti repetia o nome certo. Fez-se de surdo e tocava a flautinha sem esquecer o que Tupã lhe ensinara...

A velha ficou danada da vida e começou a bater no seu casco. Mas embaixo do casco o jabuti cantava. Quem ficou atrapalhada foi a velha raivosa.

O jabuti é bicho bom e ensinou o segredo aos outros animais. A fruta era uma delícia e a comilança foi grande. É claro que o jabuti regalou-se. Mas tem uma coisa: ficou até hoje com o casco rachado por causa da surra que levou da velha.

NOVEMBRO

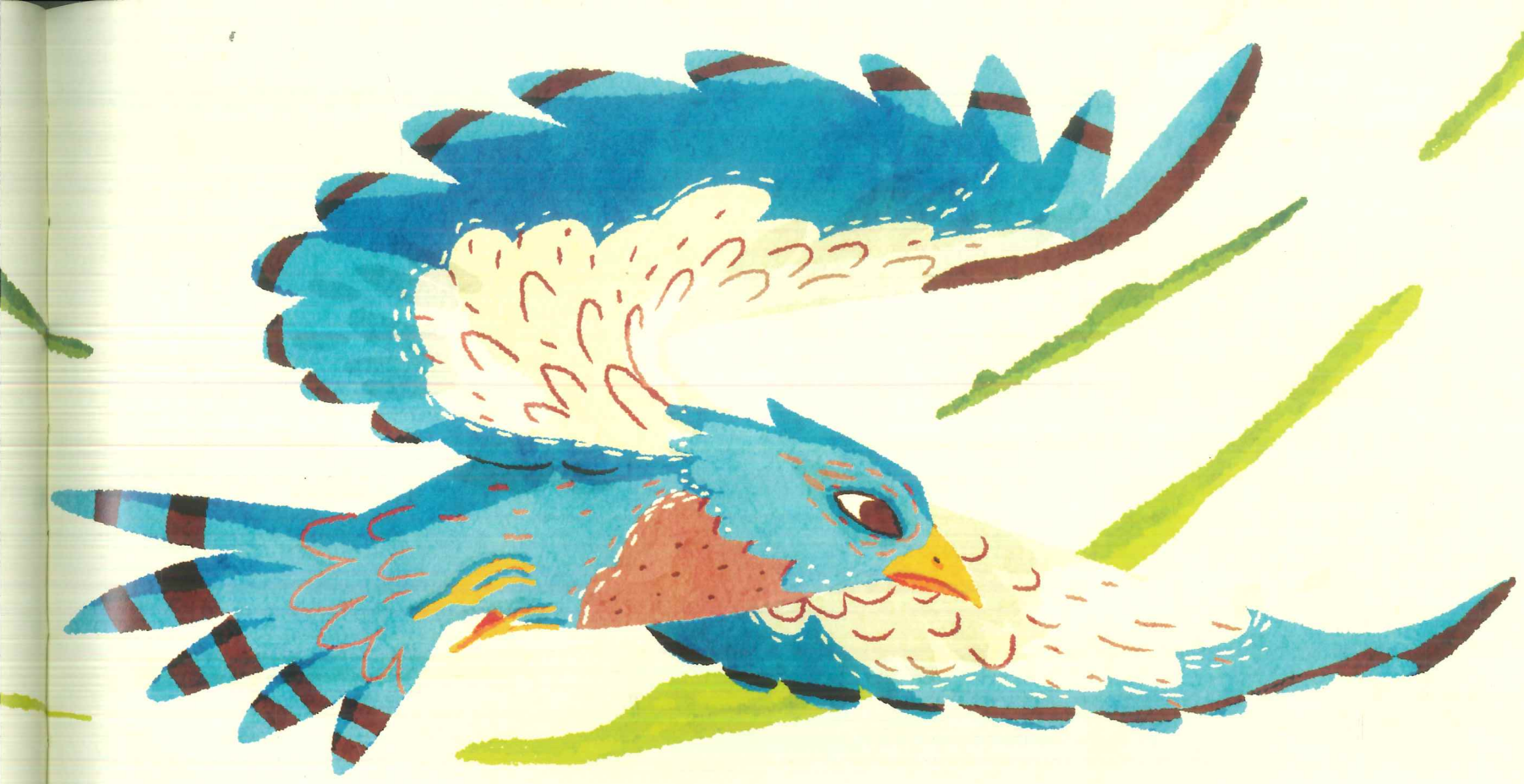
como apareceram os bichos

Os Maués dizem que no tempo mais antigo do mundo só havia pessoas e nem um animal.

Um belo dia a tribo dos Maués planejou fazer uma festa e até nomeou um dos índios para receber os convidados. Este índio se chamava Hêté-nacop e ficou no meio do caminho para guiar os outros índios. Aí chegou sua noiva. Ele lhe prometeu festa assanhada e comida à beça.

— Olhe, disse-lhe a noiva, estou meio adoentada e não quero festa.

Tudo mentira. O que a noiva estava planejando era chegar ao local da festa antes do noivo para poder namorar outros rapazes. Para isto, fez-se muito bonita: usou urucum que é semente de planta de onde sai tinta para pintar o rosto.



Quanto aos cabelos, achou um jeito de esfregar neles frutas para ganharem brilho. E mandou-se para a festa antes do noivo chegar. Mas este foi avisado por alguém que, enquanto ele estava no meio do caminho, a noiva não parava de namorar. O índio duvidou e afiançou que sua noiva estava doente. Na certa quem estava lá era sua cunhada, parecida com a noiva. O informante insistiu na declaração. Então o noivo foi depressa ao lugar do baile e para isto transformou-se em pássaro veloz. O que encontrou ele? Adivinharam: sua noiva numa dança alegre. O índio, furioso, de novo transformado em gente, disse aos convidados no meio do caminho: aviso que nesta festa vai haver grande mudança no que é vivo. E foi pedir à chuva, ao raio, ao trovão para lhe fazerem um favor.

Caiu então na floresta uma tremenda tempestade e toca o noivo a bater em todo mundo. Sem falar que deu uma boa surra na noiva, além de lhe puxar o nariz bem puxadinho. E não é que a bela índia transformou-se em tamanduá-bandeira? O índio, que era seu parceiro na dança, também teve o nariz puxado, transformando-se em anta com o focinho comprido. Um índio, que era muito feio, virou morcego e saiu voando. Uma velha tagarela virou mutum. Também outros viraram periquito, saracura, cobras e lagartos. Sabem como nasceu o jacaré? Nasceu de um índio que abriu uma

boca cheia de dentes. Os convidados, em vez de gente, eram um macaco preguiça, a onça, o urubu, o macuco, e nem sei mais quem. Sem falar que uma índia tornou-se capivara, outra gafanhoto, outros sapos, borboletas e grilos. Uma velha que estava ralando guaraná, quando viu a coisa ficar feia, fugiu com a cuia e pedra de ralar e o guaraná. Mas não houve apelação: a cuia lascou-se e virou casco de jabuti, enquanto o guaraná passou a ser o seu coração. E esta é a origem dos bichos do mar e da terra, acreditem ou não.

DEZEMBRO

uma lenda verdadeira

Na manjedoura estava calmo e bom.

Era de tardinha e ainda não se via a estrela-guia. Por enquanto a alegria serena de um nascimento — que sempre renova o mundo e o faz começar pela primeira vez — por enquanto a alegria suave pertencia apenas a uma pequena família humilde. Alguns outros sentiam que algo acontecia na terra, mas ver, ninguém via ou ao certo sabia. Na tarde já escurecida, na palha cor de ouro, tenro como um cordeiro, refulgia o menino, tenro como o nosso filho. Bem de perto a cara de um boi e outra de jumento olhavam. E esquentavam o

ar com o hálito do corpo. Era depois do parto, e tudo úmido repousava, tudo úmido e morno respirava. Maria descansava o corpo cansado — sua tarefa no mundo e diante dos povos e de Deus seria a de cumprir o seu destino, e ela agora repousava e olhava a criança doce. José, de longas barbas, ali sentado, meditava, apoiado no seu cajado: seu destino, que era o de entender, se realizara.

O destino da criança era o de nascer.

Ouvia-se, como se fosse no meio da noite calada, aquela música de ar que cada um de nós já ouviu e de que é feito o silêncio.

Era extremamente doce e sem melodia, mas feita de sons que poderiam se organizar em melodia. Flutuante, ininterrupta. Os sons como quinze mil estrelas. A pequena família captava a mais primária vibração do ar — como se o silêncio falasse.

O silêncio do Deus grande falava. Era de um agudo suave, constante, sem arestas, todo atravessado por sons horizontais e oblíquos. Milhares de ressonâncias tinham a mesma altura e a mesma intensidade, a mesma ausência de pressa, noite feliz, noite sagrada.

E o destino dos bichos ali se fazia e refazia: o de amar sem saber que amavam. A doçura dos brutos compreendia a

inocência dos meninos. E, antes dos reis, presenteavam o nascido com o que possuíam: o olhar grande que eles têm e a tepidez do ventre que eles são.

Este menino, que renasce em cada criança nascida, iria querer que fôssemos fraternos diante da nossa condição e diante de Deus. O menino iria se tornar homem e falaria.

Hoje em muitas casas do mundo nasce um Menino.

E, como se não bastasse, espouca no ar como champanhe o borbulhante 1978.

Clarice Lispector nasceu na cidade ucraniana de Tchetchelnik. Mas, como sempre fez questão de salientar, nunca pisou o solo da Rússia, pois saiu de lá no colo dos pais, com apenas dois meses de idade. De fato, Clarice era visceralmente brasileira, fazendo questão de obter a nacionalidade de seu país de adoção.

O vasto conhecimento de nossa literatura levou Clarice a fazer palestras sobre o tema no exterior. Sua apaixonada admiração pelo folclore, pelos costumes, pelas lendas e tradições culturais brasileiras fez com que ela se tornasse uma das precursoras na arte do reconto. Esta inspiradora releitura traz doze lendas nacionais – cada uma relacionada a um dos meses do ano – escritas para celebrar a chegada do ano de 1977, e que se mantêm atuais até hoje. Um dos seus recontos, a lenda do mês de maio, encantou Maria Bethânia, que gravou uma canção inspirada em Yara.

Você sabe como nasceram as estrelas?

Sabe por que o canto da Yara é perigoso, mas o do uirapuru dá sorte?

Já viu o danadinho do Curupira, ou o bondoso Negrinho do pastoreio?

Pois lendo essas belas interpretações das lendas brasileiras, você vai saber de tudo isso e muito mais... E será guiado nessa aventura por uma das maiores escritoras brasileiras, Clarice Lispector.

ISBN: 978-85-62500-72-5
9 788562 500725